

## CAÇADORES DA SERRA DA CAPIVARA E A FACE CRUEL DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Sádia Gonçalves de Castro (CEFET-PI)

### GT 13 - Educação e Representações sociais

Em muitos casos no Brasil, a prática de políticas ambientais nos Parques Nacionais tem esbarrado na resistência dos moradores das comunidades que vivem dentro ou no entorno dessas unidades de conservação em aceitar as determinações das leis ambientais que representariam para eles fortes alterações de práticas econômicas e sociais predatórias adquiridas como tradição ao longo dos anos. Por outro lado, as instituições responsáveis pela proteção ambiental dessas áreas desconhecem ou ignoram o que os moradores dessas comunidades pensam, sentem e apreendem com relação a nova ordem ambiental que agora estão submetidos.

No Parque Nacional da Serra da Capivara, o relacionamento é tenso, entre nativos e o IBAMA, por causa da proibição das atividades predatórias mas que são secularmente desenvolvidas pelos moradores da região como as queimadas, que exaurem o solo, a retirada da madeira que provoca devastação e principalmente a caça que põe em risco de extinção várias espécies da fauna da região.

Segundo a definição do IBAMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, os Parques Nacionais são unidades de conservação de proteção integral, e destinam-se à preservação de áreas naturais com características de grande relevância sob os aspectos ecológicos, científicos, cultural, beleza cênica, educativo e recreativo, vedados às modificações ambientais e a interferência humana direta.

Recorre-se sempre à Educação Ambiental tanto nos documentos quanto nas práticas, quando se tenta introduzir noções de cidadania e reformulação de valores éticos e morais, individuais e coletivos, necessários para a continuidade da vida no planeta. A cidadania aqui se aplica no sentido de possuir uma identidade que não é só individual como também coletiva. É muito recente a idéia generalizada da natureza como um bem a ser preservado, finito, cabendo ao homem o direito e o dever de preservá-la. A idéia de Educação Ambiental como uma formação ou exercício de cidadania tem a ver com uma nova maneira de encarar a relação homem / natureza. Os novos conceitos de natureza passaram a incluir os seres humanos e o conceito de homem, por sua vez, passou a incluir a natureza biofísica.

Sobre os novos valores que a Educação Ambiental deseja formar, cabe aqui lembrar o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, documento elaborado, discutido e aprovado no Fórum Internacional das ONGs que aconteceu em 1992 no Rio de Janeiro e diz que a educação ambiental é um processo de aprendizagem permanente que afirma os valores e ações que contribuem para a formação humana e social e também para preservação ecológica.

O que me chamou atenção no caso específico do Parque Nacional Serra da Capivara foi à resistência incansável dos nativos em modificar a maneira de se relacionar com a natureza ainda que os métodos de “Educação Ambiental”, utilizados pelo IBAMA sejam a força e a repressão. Para tentar entender como a aplicação das leis ambientais, os novos conhecimentos sobre Meio Ambiente e as idéias de preservação ambiental estão sendo apreendidas pela comunidade de caçadores do entorno da reserva, lançarei mão das teorias de Representação Social do sociólogo francês Serge Moscovici, considerando que estudar as representações sociais de um grupo é uma

forma de desvendar a realidade tal como ela é socialmente constituída por esse grupo e compreender suas ações e reações.

Para estudar as representações sociais dos caçadores das referidas comunidades, utilizarei como pano de fundo o conceito de habitus do sociólogo francês Pierre Bourdieu, já que este conceito dá conta de como são produzidas e a força que têm a internalização das práticas cotidianas de um determinado grupo ou classe social.

As mudanças atuais da vida social tem nos obrigado a olhar a prática educativa além da forma como ela se apresenta para nós. A escola deixa de ser a única e legítima detentora e repassadora de conhecimentos, sendo obrigada a conviver com outras formas de educação não-formal constituída pelos meios de comunicação, a Internet, a comunidade, ONGs e outras instituições etc. Nesse contexto, nasce uma crescente necessidade da pesquisa em educação buscar o diálogo com outras áreas do conhecimento tornando possível as análises que extrapolem os modelos tradicionais que não dão a devida importância ao caráter complexo das questões nas quais estão envolvidas o campo educacional: a dimensão psicológica, sociológica, histórica, econômica, antropológica, política e pedagógica. A natureza do fenômeno educativo nos conduz a afirmar, sem receio, que o seu entendimento é alargado no momento em que fazemos o uso de teorias e conceitos que dispõem a reconhecer a trama de questões e interações das diversas áreas do conhecimento que se entrecruzam e se concretizam no campo do conhecimento.

Como uma teoria que se preocupa com a construção de idéias, atitudes, pensamentos, ações e saberes dos indivíduos dentro de um determinado corpo social e ao mesmo tempo com as formas como esses conhecimentos alteram e são alterados pelo comunidade, a representação social se constitui na teoria ideal na iluminação das questões que ora são levantadas.

O Parque Nacional Serra da Capivara é uma Unidade de Conservação localizada no sudoeste do Piauí, a 530 quilômetros de Teresina, a capital do Estado. Foi criado em 05 de junho de 1979 possui uma área de aproximadamente 130.000 hectares. Reserva em suas entranhas um dos mais preciosos patrimônios arqueológicos do continente americano que são os registros mais antigos da chegada do homo sapiens nas Américas, segundo a arqueóloga paulista Niéde Guidon que descobriu as pinturas e há mais de 30 anos desenvolve e orienta pesquisas no local. Segundo ela o homem pré-histórico deixou suas marcas em toda a região do Parque Nacional Serra da Capivara. Foram essas marcas que chamaram a atenção dos cientistas e devem ser protegidas, já que trata-se de um valioso patrimônio cultural da humanidade.

As pesquisas realizadas no local desbancaram a clássica teoria que afirma que o povoamento do continente americano teria se dado a cerca de doze mil anos atrás quando o homem, saindo da Ásia, atravessou a pé o estreito de Bering, hoje a região do Alasca, e de lá se espalhou pelas Américas. A Nova Teoria como é chamada pela Sociedade Científica Internacional formulada a partir dos achados na Serra da Capivara comprovam que os primeiros habitantes das Américas teriam passado pelo sertão do Piauí há mais de 30.000 anos antes de ter cruzado o estreito de Bering.

No sopé do Boqueirão da Pedra-Furada, o primeiro sítio a ser descoberto e que apresenta o maior número de pinturas com um painel com mais de 1.100 grafismos, os arqueólogos encontraram fogueiras estruturadas e uma grande quantidade de artefatos de pedra lascada que são os mais antigos vestígios até hoje conhecidos da presença do homem nas Américas.

O Parque se apresenta como um gigantesco museu ao ar livre, onde já foram encontrados e cadastrados 406 sítios arqueológicos, locais onde são encontrados vestígios do homem das cavernas, dos quais 260 apresentam painéis com pinturas rupestres. Os demais são aldeias,

cemitérios e acampamentos. Esses números podem ser alterados conforme forem avançado as pesquisas na área.

Por se encontrar ao ar livre, os documentos históricos da Serra da Capivara estão eternamente expostos aos efeitos das chuvas e do sol escaldante do sertão além das ações do homem. Esses fatores naturais e antrópicos agem acelerando o processo de degradação. A grande preocupação de Niéde Guidon é conscientizar a população nativa da importância de preservar esse imenso patrimônio cultural, testemunho dos grupos que habitaram o Piauí muito antes da chegada do colonizador.

As pinturas rupestres que são os registros gráficos sobre as pedras apresentam imagens da vida cotidiana dos diversos grupos étnicos que habitaram aquela região, ainda na pré-história. Elas foram produzidas de pigmentos a partir de compostos naturais similares aos das rochas e por esse motivo resistem há mais de doze mil anos que é a datação feita nos painéis do Parque. No entanto, esses compostos sofrem degradação natural e constante, principalmente da água que passa arrastando parte da substância.

Porém, o dano maior desse patrimônio é causado por alguns insetos que constroem suas casas que são feitas de saliva de animal, argila e restos vegetais sobre as pinturas. Com o passar do tempo, essas casas petrificam e cobrem definitivamente os painéis.

A FUMDHAM, Fundação Museu do Homem Americano, Organização Não-Governamental fundada pela missão Franco-Brasileira do Piauí, criada pela primeira equipe de pesquisadores que chegou à Região, liderada pela arqueóloga paulista Niéde Guidon, identificou que a maioria dos agentes causadores da destruição dos registros arqueológicos do Parque são frutos do desequilíbrio ambiental provocado pela quebra na cadeia alimentar.

A caça desenfreada de tatus (*Dasypus novemcinctus*) e tamanduás (*Myrmecophaga tridactyla*) que são animais predadores de cupins, formigas e vespas ocasionou no crescimento exagerado da população desses insetos que constroem suas casas sobre as pinturas. Foi observado também que 70% das árvores do parque estavam sendo atacadas pelos cupins.

A ameaça do desaparecimento das pinturas tem se constituído numa grande preocupação da FUMDHAM que tem de contratar constantemente equipes para fazer a limpeza dos painéis. Esse trabalho só pode ser realizado por especialistas treinados para que não haja dano nem na rocha nem nas pinturas. Do ponto de vista financeiro, essa manutenção se torna quase inviável dado a quantidade de sítios e a frequência com que o trabalho precisa ser realizado. A solução tem sido agir sobre as áreas onde o perigo de desaparecimento é maior.

Existem alguns animais predadores que são peças-chave para a manutenção do equilíbrio no bioma da caatinga. São aquelas espécies que provêm alimentos e abrigos para outras de muitos grupos diferentes, ou de espécies predadoras, que controlam o crescimento de suas presas, mantendo-as em equilíbrio. A caça indiscriminada tem provocado o desaparecimento e a redução da população de endentados como o tatu-canastra (*Priodontes maximus*) e do tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) causando sérios desequilíbrios ao ecossistema do Parque. A ausência deles provocou um aumento na quantidade de insetos, pondo em risco os registros gráficos nos paredões da Serra.

Em 1988, foi assinado o convênio entre a FUMDHAM e o IBAMA para elaboração do Plano de manejo. Em 1991, foi instalado um escritório do IBAMA em São Raimundo Nonato, o maior entre os quatro municípios que fazem fronteira com o Parque com uma população, segundo dados do IBGE, de 30.000 habitantes enquanto os outros tem a população em torno de 5.000 habitantes. A partir de então, a administração do PARNA ficou ao encargo das duas instituições. A FUMDHAM é responsável pela área técnica e científica e o IBAMA pela fiscalização.

Em dezembro de 1991, os documentos históricos da Serra da Capivara tiveram sua importância reconhecida pela ONU, Organização das Nações Unidas, que através da UNESCO declarou o Parque como Patrimônio Cultural da Humanidade, obrigando as instituições responsáveis a aumentar a vigilância e os cuidados com a preservação do local.

Além da má utilização do solo, queimadas, desmatamentos e a colheita do mel, o maior problema a ser combatido pelo IBAMA é a caça de animais silvestres pelos moradores das comunidades localizadas nas áreas de entorno do Parque. O que tem gerado grandes conflitos entre eles, os moradores e o IBAMA.

Antes da chegada do Parque e da instalação do IBAMA em São Raimundo Nonato, a base econômica dos caatingueiros daquela região, era a pequena agricultura de subsistência e a caça. Como a baixa densidade pluviométrica é uma característica geográfica marcante da caatinga, apresentando, inclusive, longos períodos de estiagem com épocas que se chegaram até três anos com índice pluviométrico zero, a lavoura é uma atividade incerta, pois depende das chuvas para oferecer resultados, a exemplo da colheita do feijão, milho, mandioca. Enquanto a caça não depende da estação chuvosa para reproduzir.

Os povos mais antigos que lá viveram já eram caçadores coletores, ou seja, viviam da caça e da coleta de produtos animais e vegetais como ovos, mel, frutos raízes etc. A caça faz parte das atividades cotidianas de sobrevivência desde a época em que o homem vivia nas cavernas. As marcas deixadas pelos nossos ancestrais nas pedras da Serra da Capivara demonstram, além de cenas de sexo, rituais, caçadas, sendo estas as imagens mais recorrentes. Depois deles vieram os índios e em seguida os colonizadores que também caçavam. Segundo as pesquisas realizadas pela FUMDHAM o povoamento naquela região foi contínuo desde os homens das cavernas até os colonizadores.

A arqueóloga Anne Marie Pessis, pesquisadora da FUMDHAM e coordenadora de atividades de conservação de pinturas rupestres na Serra da Capivara e em outras regiões do Nordeste, reconhece a caça de animais silvestre pelos nativos como um traço cultural bastante forte e difícil de ser alterado e que os nativos não têm noção dos efeitos do extermínio de algumas espécies para o meio ambiente.

Os moradores das comunidades situadas no entorno do Parque podem ser definidos de acordo com Diegues(1996) como uma população tradicional, pois eles possuem, fundamentalmente, um estilo de vida, costumes, disposições individuais e traços culturais próprios que os diferenciam de outras comunidades mais distantes da reserva. Essas características incluem, o apego ao contato com a natureza, primordialmente, a caça. Em todas as casas dessas comunidades existe pelo menos um caçador que já é filho de outro caçador. As verbalizações e as práticas cotidianas dos adolescentes do local já evidenciam fortes disposições de manter o estilo de vida de seus descendentes e ancestrais.

Até à criação do Parque e a instalação do IBAMA, a caça era uma atividade exercida livremente por todos, a natureza era considerada como uma mãe divina e inesgotável pronta para servir sempre que fosse solicitada. A criação do Parque e Instalação do IBAMA transformou os caçadores de donos e senhores daquelas terras em cruéis usurpadores; a caça, de meio de sobrevivência passou a ser considerado como um crime ambiental. A natureza foi batizada de meio ambiente e agora é regida por outras leis que não mais as leis da mata onde um dia é da caça e outro, do caçador.

Mais estranho do que Meio Ambiente e preservação é o termo Educação Ambiental, que eles já ouviram algumas vezes mas não apreenderam, não sabem o que significa. Não foram orientados, informados e esclarecidos o suficiente que os fizessem entender os prejuízos que a

caça desenfreada de animais silvestres pode trazer para a natureza e conseqüentemente para eles também.

No início da criação do Parque houve uma tentativa de se introduzir a Educação Ambiental naquela região através das escolas de ensino infantil e fundamental. A matéria era obrigatória nas escolas mantidas pela FUMDHAM em parceria com a prefeitura de Coronel José Dias e funcionava na comunidade Sítio do Mocó, situada a poucos metros da entrada principal do Parque. O projeto não vingou devido um descompasso entre as duas instituições, as escolas foram fechadas e assim se encontram até hoje.

A outra forma de Educação Ambiental, se é que se pode chamar assim, que o IBAMA tem aplicado junto aos moradores locais a fim de que eles modifiquem o relacionamento com o meio ambiente e adquiram conhecimentos de preservação ambiental tem sido a repressão. É um tipo de educação não-formal que eu estarei chamando a partir de agora de educação pela força. As próprias instituições responsáveis pelo Parque Nacional Serra da Capivara admitem que sem a força da repressão não há Educação Ambiental.

Essa forma de Educação através da força, da repressão e do castigo, ignorando os conhecimentos e saberes, práticas, hábitos e crenças existentes na sociedade está distante de nós mas não nos é estranha. A história da educação no Brasil registra que quando os padres Jesuítas chegaram aqui com a missão de ensinar os índios a falarem o português e a rezar o Pai – Nosso o faziam utilizando como recurso pedagógico a punição e desconsiderando que eles, os índios, também tinham a sua língua e os seus próprios Deuses. Durante muito tempo a educação brasileira manteve as mesmas marcas do modelo repressivo da educação européia. Até por volta dos anos 50 do século passado, os alunos decoravam a tabuada sob a mira de uma palmatória.

O fantasma da colonização ainda assombra os caçadores das comunidades do entorno do Parque Nacional Serra da Capivara, quando eles desavisadamente são submetidos a castigos e punições para alterarem as suas práticas de relação com a natureza.

Minha pretensão com essa pesquisa foi entender as Representações Sociais de meio ambiente, preservação e Educação Ambiental que está sendo construída por esses caçadores após a criação do Parque e conseqüentemente a instalação do IBAMA na região, bem como investigar de que maneira eles estão reagindo a introdução dessa nova cultura de relacionamento com a natureza que de uma forma brusca propõe a alteração no *habitus* sócio-ambiental deles. Foi observado, que a Educação Ambiental é algo que esses caçadores não conseguem entender, internalizar, tampouco relacionar com alguma coisa que eles já tenha visto ou ouvido antes, logo não são convencidos a modificar as práticas, atitudes e os meios de se relacionar com o Meio Ambiente.

A Educação Ambiental como está posta no Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, documento elaborado na ECO-92, no Rio de Janeiro, prevê o respeito as realidades culturais, as diferenças, a valorização do saber do outro, a rejeição ao autoritarismo e a busca do diálogo, elemento imprescindível em qualquer atividade educativa. No caso específico dos caçadores da Serra da Capivara, o modelo de educação é o não-formal, repassado por meio de uma pedagogia que se utiliza de proibições e sanções civis e penais. Como se percebe pelo deste trabalho, os métodos pedagógicos (a força) utilizada pelos “professores” (IBAMA) apavora muito mais do que ensina os “alunos” (os caçadores).

Esse é um exemplo de Educação Ambiental em que o “ambiental” tem recebido mais atenção do que a “educação”. Tenta-se preservar a mata, os animais, o solo, o Patrimônio Cultural da Humanidade, sem observar a cultura e a história dos caçadores. Que valores educativos podem ser construídos por intermédio da força, do castigo, da humilhação e do aniquilamento cultural?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas Sobre a Teoria das Ações**. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- \_\_\_\_\_, Pierre. **Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987
- \_\_\_\_\_, Pierre. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro, ed. Bertrand Brasil. 1989
- CAVALCANTI, Clóvis (Org.) **Desenvolvimento e Natureza**: Estudos para Uma Sociedade Sustentável. São Paulo: Cortez, 1995.
- JODELET, Denise (Org.) **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- MOSCOVICI, Serge. **Representação Social da Psicicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.
- MOREIRA, Antonia Silva Paredes & OLIVEIRA, Denize Cristina de (Orgs.) **Estudos Interdisciplinares de Representação Social**. Goiânia: AB,1998.
- VALA, J. **Sobre as Representações Sociais** – Para uma Epistemologia do Senso Comum. Cadernos de Ciências Sociais. N.4. Porto, 1986
- MARTIN, Gabriela. **Pré-História do Nordeste do Brasil**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1999.
- PAIOLLA, L. M. **Ambiente e Representações Sociais**: expectativas de vida dos filhos de pescadores e pescadores jovens do núcleo urbano de Porto Rico-Paraná. 2000. Dissertação(mestrado). Universidade Estadual de Maringá. Maringá.
- PIAUI, **Fundação Museu do Homem Americano**. Parque Nacional Serra da Capivara, 1998. Revista de Ciências Humanas (Temas de Nosso Século). Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. V. 1, n. 1: editora da UFSC,1982
- REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- REIGOTA, Marcos. **Meio Ambiente e Representação Social**. São Paulo: Cortez, 2002.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.
- SÁ, Celso Pereira de. **A Construção do Objeto de Pesquisa em Representação Social**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.